

Berlim em Tons de Violeta e Glamour: o despertar da cena lésbica e o movimento homossexual em Weimar (1919-1933)

Berlin in Shades of Violet and Glamour: the awakening of the lesbian scene and the homosexual movement in Weimar (1919-1933)

Neff Borba Araquan Vieira,¹ UFRPE

Resumo

Este artigo tem como proposta evidenciar as articulações das mulheres lésbicas presentes na Berlim da República de Weimar. Os anos dourados, da então chamada Capital gay da Europa, são fruto do processo de emergência de uma modernidade plural, que transborda após a derrota da Alemanha na I Guerra Mundial e a derrocada do poder imperial. Frente a diversos contratempos, como a ascensão nazista com o conservadorismo vigente, a cidade de Berlim vivencia um momento único entre a liberdade democrática fragilizada e a ordem fascista tomando força.

Palavras-chave: Movimento Homossexual; Lésbica e República de Weimar.

Abstract: This article aims to highlight the social and political articulations of lesbian women in Berlin during the Weimar Republic. The golden years of the then-called "gay Capital of Europe" are the result of the emergence of a plural modernity, which flourished after Germany's defeat in World War I and the fall of imperial power. Facing several setbacks, such as the rise of Nazism with its prevailing conservatism, the city of Berlin experienced a unique moment between a fragile democratic freedom and a strengthening fascist order.

Keywords: Homosexual Movement; Lesbian; Weimar Republic.

Introdução: a constituição de Weimar e a normatividade

Na parábola "Diante da Lei", de Kafka, um homem busca acesso à Lei, mas é impedido por um guarda. Ele passa a vida implorando para entrar, recebendo sempre a mesma resposta: "é possível, mas não agora". À beira da morte, ele questiona o guarda sobre a ausência de outros pretendentes, ao que o guarda revela: "porque só para ti era feita esta porta. Agora vou-me embora e fecho-a". Sebastian Haffner (2018), em seu prefácio de "A Revolução Alemã (1918-1919)", utiliza essa parábola para ilustrar a relação entre o Reich e a social-democracia alemã, que se acomodou diante da porta, ignorando seu destino até que a história a confrontou com o fechamento dessa oportunidade.

Este artigo não se aprofundará nessa relação, mas destaca que, após a derrota na Primeira Guerra Mundial (1918), os "porteiros" do império alemão, com segundas intenções, abriram a porta há muito tempo trancada para os líderes social-democratas (Haffner, 2018, p.

¹ Historiadora licenciada pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Mestranda em História Social - PGH-UFRPE com Bolsa FACEPE. E-mail: Neffborba@gmail.com .

27-28). Em novembro de 1918, a social-democracia alemã, surpreendentemente, ascendeu ao trono vazio, buscando um equilíbrio turbulento e frágil em meio a um século de esperança e expectativas. O Estado imperial onipresente, dominado pelo militarismo da aristocracia prussiana, que ditava a economia e todos os aspectos da vida social, não existia mais. A República de Weimar foi fundada pela social-democracia alemã, e sua Constituição de 1919 – a primeira democrática e republicana – refletia os ideais social-democratas e um compromisso frágil entre os partidos do Congresso Constituinte de Weimar. Guedes (2019, p. 75-76) descreve essa ideologia de compromisso como um arranjo entre o socialismo democrático reformista do partido social-democrata alemão.

Embora a Constituição de Weimar, em vigor a partir de agosto de 1919, consagrasse direitos sociais e justiça social (como reforma agrária no artigo 155, socialização da propriedade privada no artigo 156 e liberdade sindical no artigo 161, entre outros, conforme Guedes, 2019, p. 64), as instituições estatais, como o Judiciário, eram predominantemente conservadoras e imperiais, resistindo à colaboração com a República. Além disso, o Parlamento, ao longo da experiência republicana (1918-1933), frequentemente era ocupado por políticos avessos aos ideais social-democratas (Guedes, 2019, p. 59).

Esse período foi marcado por turbulências políticas e culturais. Berlim, capital do império alemão, gradualmente se libertou da esterilidade cultural dos anos 1870, tornando-se um polo de atração para escritores e artistas (McFarlane, 1989, p. 85). Um clima intelectual e social de urgência, impaciência e anseio por romper com antigas tradições permeava a cidade (McFarlane, 1989, p. 85). Contudo, em meio a esse cenário paradoxal, o Código Penal de 1871 permaneceu inalterado, criminalizando a homossexualidade (parágrafo 175) e o aborto e práticas lésbicas (parágrafo 218), embora no período de Weimar sua relevância como instrumento de perseguição tenha diminuído. Nesse contexto,

Berlim da República de Weimar foi o centro de uma enorme ebullición sexo-dissidente, de manifestaciones culturales y de militancia en contra de la persecución, particularmente del parágrafo 175 del código penal que prohibía las relaciones sexuales entre hombres, que rigió desde 1871, pero se recrudesció durante el nazismo, a partir del agregado de la sección 175^a. En los años anteriores al ascenso de Hitler al poder, había una fuerte militancia por su derogación² (Rubino, 2021, p. 375).

² A Berlim da República de Weimar foi o centro de uma enorme efervescência sexo-dissidente, de manifestações culturais e de militância contra a perseguição, particularmente do parágrafo 175 do código penal que proibia as relações sexuais entre homens, que vigorava desde 1871, mas se recrudescceu durante o nazismo, a partir do acréscimo da seção 175^a. Nos anos anteriores à ascensão de Hitler ao poder, havia uma forte militância pela sua revogação (Tradução nossa).

A Berlim da República de Weimar era uma cidade de contrastes: moralista e policiada durante o dia, mas boêmia e libertária à noite, invisível aos olhos do Estado e livre das amarras do conservadorismo. Nos cabarés e clubes, a cidade se revelava obscena. Para intelectuais que lutavam contra os padrões, Berlim era o lugar ideal para a autodescoberta. Christopher Isherwood, por exemplo, associava Berlim a "garotos" (Isherwood, 2001, p. 2). A história pública, como defende Hannah Arendt, oferece um olhar para o "mundo comum", reunindo as pessoas em sua diversidade e conectando-as por meio da preocupação com o mundo, promovendo uma noção de público para uma história pública que contemple a experiência da historicidade em sociedade, "como entre iguais e diferentes num mundo comum" (Schittino, 2016, p. 45). O nazi-fascismo configurou um projeto político para silenciar e negociar vidas, onde algumas vidas eram choradas e reconhecidas como dignas, enquanto outras não (Butler, 2005). Butler argumenta que

Si la negación heterosexual de la homosexualidad origina la melancolía y si ésta interviene mediante la incorporación, entonces el amor homosexual no reconocido se salvaguarda desarrollando una identidad de género definida como opuesta. En definitiva, la homosexualidad masculina no reconocida termina en una masculinidad intensificada o afianzada, la cual mantiene lo femenino como lo impensable e innombrable³ (Butler *apud* Rubino, 2021).

Essa conduta revela a desigualdade na distribuição da precariedade da vida; embora todas as vidas sejam precárias, nem todas são representadas da mesma forma. O movimento nazi-fascista negava a existência de vidas diferentes das suas, vidas que não se encaixavam no mito de Narciso, que só reconhecia o que lhe era espelho. As vidas apresentadas aqui são plurais, assim como as associações e pautas cruciais para a divulgação e implementação das teorias feministas, de gênero e sexualidades, visibilizando saberes ocultos, silenciados e negligenciados na Europa dos anos 20. Os cenários escolhidos são os da boemia, locais que permitiam a experiência do ócio ébrio como caminho para o autocuidado, em meio a práticas de sociabilidade homoerótica (Vieira, 2017, p. 6). Os cenários boêmios de Berlim eram os pontos mais afrodisíacos, onde as noites possibilitavam grandes encontros para literatos e intelectuais berlinenses (Roth, 2006, p. 122), lugares que fizeram sucesso na capital.

“The Violetta”: lares e fraternidade Lésbica

³ Se a negação heterossexual da homossexualidade origina a melancolia e se esta intervém mediante a incorporação, então o amor homossexual não reconhecido se salvaguarda desenvolvendo uma identidade de gênero definida como oposta. Em suma, a homossexualidade masculina não reconhecida termina em uma masculinidade intensificada ou afirmada, a qual mantém o feminino como o impensável e inominável (Tradução nossa).

Podemos compreender que existem histórias no plural: esquecidas, excluídas e negligenciadas pelo autoritarismo que ainda hoje percorre as entranhas sociais que negam tais existências. Conivente com os sentidos de significado da “casa”, Entre o visível e o invisível, a efervescência cultural e social da sociedade berlinense da década de 1920 revela suas intrincadas tramas e efemeridades. Por meio de aprofundados estudos literários, filosóficos e históricos sobre a República de Weimar, somos capazes de compreender a complexa configuração dos modos de vida de uma era marcada por profundas transformações. A cidade de Berlim, nesse contexto, emerge não apenas como um cenário geográfico, mas como um palco vibrante e contraditório, um espaço de tensão e liberdade, onde vivências dissidentes floresciam em meio a processos de exclusão e esquecimento.

Nesse cenário de contrastes, a sexualidade e a identidade se manifestam em múltiplas camadas, muitas vezes ocultas ou reprimidas pelas normas sociais vigentes. Foucault (1999, p. 10) nos oferece uma perspectiva esclarecedora sobre essa dinâmica: "No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e pagará a sanção."

Essa citação ressoa profundamente com a atmosfera de Berlim nos anos 20, onde a busca por liberdade individual e a expressão de identidades diversas colidiam com as expectativas conservadoras da sociedade. Os "quartos dos pais" representavam a sexualidade legitimada e reprodutiva, enquanto as demais formas de expressão eram relegadas à clandestinidade, à vergonha e, em muitos casos, à punição social. A normalização e a patologização de certas práticas sexuais e identidades de gênero revelam o poder das instituições e das convenções sociais em moldar a percepção do que é aceitável ou "anormal". Parafraseando Dri Azevedo,

A casa e as suas divisões, tornam-se, então, um espaço normativo e de controle, funcionando como um dispositivo importante na produção subjetiva e sexual dos filhos da família que a habita. No entanto, ela também se torna o espaço onde os seus moradores costumam buscar conforto, afetividade e proteção dos perigos da rua. Temos, portanto, uma ambivalência da casa: ao mesmo tempo em que é o espaço de acolhimento da família, também é onde ocorrem a regulação e normatização de seus membros (Azevedo, 2016, p. 21).

Diante desse panorama, a existência de "histórias no plural": aquelas que foram esquecidas, excluídas e negligenciadas pelo autoritarismo que, de diferentes formas, ainda hoje percorre as entranhas sociais, negando tais existências. Essa convivência com os sentidos

de significado da "casa" – entendida não apenas como espaço físico, mas como construto social e moral – perpetua a invisibilidade e a marginalização de indivíduos e grupos que não se encaixam nos padrões estabelecidos. O estudo da Berlim de Weimar, portanto, não é apenas um resgate histórico, mas um convite à reflexão sobre as persistentes estruturas de poder que definem quem tem o direito de ser visto, ouvido e lembrado na tapeçaria complexa da história e da sociedade.

Berlim, qual flor de pólen voluptuoso, atraiu pessoas de toda a Alemanha e do mundo, seduzidas por sua atmosfera singular. A capital das possibilidades abriu-se a novos modos de vida na cena homossexual berlinense, onde identidades dissidentes encontraram estratégias de resistência e autocuidado. A cidade guardava mundos secretos em becos, clubes, pensões e cafés. Nesses espaços – frequentemente protegidos por senhas e códigos – sexualidades e papéis de gênero se manifestavam livremente. Ali, ocultos dos olhares disciplinadores da esfera pública, esses modos de existência persistiam como tática diante de uma ordem hegemônica que negava sua própria existência. Conforme sugerido por Foucault (2003), o conhecimento não é algo inerte, mas sim uma força que se contrapõe a algo. Assim, torna-se imperativo desvendar a história para além de uma marginalidade epistêmica que priva os corpos de suas narrativas. A cidade de Berlim, no período da República de Weimar, emerge como um vibrante epicentro de experimentações sociais e sexuais, desafiando as normas tradicionais de gênero e sexualidade.

Imagem 1: “Café Dorian Gray”



Fonte: Acervo Cabaret Berlin. Disponível em: <https://cabaret.berlin/places/berlins-lesbische-frauen/>.

Entretanto, alguns espaços se destacam como verdadeiros refúgios de liberdade. Entre eles, o Clube The Violetta, localizado na Bülowstraße 37, fundado por Lotte Hahm, figura

central na resistência lésbica em Berlim. Este clube era exclusivo para mulheres, e chegou a contar com mais de 400 membros. Não se tratava apenas de um local de lazer, mas de um espaço de resistência cultural e política. Lotte Hahm não apenas criou um ambiente seguro para mulheres lésbicas, mas também desafiou os papéis de gênero normativos ao vestir-se de forma masculina e assumir uma posição de liderança em um meio ainda marcado pela marginalização. Esse ambiente possibilitou a emergência de uma cultura lésbica urbana visível, conectada tanto aos movimentos de vanguarda quanto às estratégias de resistência cotidiana.

Na região próxima à estação de metrô Nollendorfplatz, especialmente nas ruas Kleistrasse, Kalkreuthstrasse e Lutherstrasse, floresceu uma rede de espaços destinados ao encontro e à expressão da identidade lésbica. O *The Verona Lounge*, por exemplo, era frequentado por mulheres lésbicas, burguesas e prostitutas de luxo, mesclando elegância com transgressão. Já o *Le Garçonne*, de Susi Wanowski — ex-esposa de um chefe de polícia e então amante da famosa dançarina e atriz Anita Berber —, representava a intersecção entre arte, escândalo e empoderamento sexual, sendo um dos espaços mais noturnos e ousados da cidade (Bourcier, 2001).

Imagem 2: Cartaz da “The Violetta” no jornal local, 1930.



Fonte: Acervo Cabaret Berlin. Disponível em: <https://cabaret.berlin/places/berlins-lesbische-frauen/>.

Outro espaço importante era o *Mali and Ingel's*, localizado na Lutherstrasse 16, cuja entrada frequentemente apresentava a placa “Fechado para festas privadas”. Limitado a no máximo 60 convidados por vez, o local atraía artistas, intelectuais, atrizes e cantoras, e promovia um tipo de sociabilidade elitizada e seletiva. Esses encontros funcionam como redes de proteção e apoio mútuo diante da instabilidade política da época. Duas vezes ao ano, Mali

e Ingel organizaram, em parceria com o *Club Monbijou Of The West* — que contava com cerca de 600 mulheres associadas — um baile exclusivo para mulheres no famoso *Scala*. Os ingressos, extremamente disputados, esgotavam-se com rapidez, evidenciando a força de uma comunidade coesa e atuante.

Imagem 3: “Porta do Mali”, 1930



Fonte: Acervo Cabaret Berlin. Disponível em: <https://cabaret.berlin/places/berlins-lesbische-frauen/>.

É importante ressaltar que tais espaços não eram apenas pontos de lazer, mas também territórios de resistência simbólica e política, nos quais mulheres lésbicas podiam expressar sua sexualidade em um contexto público, ainda que delimitado, algo praticamente inédito em escala histórica. Essas mulheres atuavam em um vácuo institucional, uma vez que o Estado alemão, embora progressista em certos aspectos durante a República de Weimar, não reconhecia formalmente a existência de relações homoafetivas femininas, o que as tornava juridicamente invisíveis, mas socialmente vulneráveis (Tamagnone, 2010).

Esse clube fazia parte de uma rede mais ampla de espaços lésbicos em Berlim, que incluía bares, cafés, publicações e organizações voltadas à comunidade lésbica. As mulheres lésbicas não apenas existiam nesse contexto — elas resistiam ativamente, criando alternativas de sociabilidade e visibilidade, enfrentando tanto o preconceito da sociedade majoritária quanto, muitas vezes, o apagamento dentro do próprio movimento homossexual. Esses espaços representavam verdadeiras embaixadas da liberdade identitária, onde o gênero e o desejo podiam ser vividos em sua plenitude.

Imagem 4: Cartaz da “The Violetta”. Clube para mulheres



Fonte: Acervo Cabaret Berlin. Disponível em: <https://cabaret.berlin/places/berlins-lesbische-frauen/>.

Um período marcado por intensas transformações e experimentações, serve como pano de fundo para a complexa coreografia da identidade. Nesse cenário, o que hoje chamamos de vida privada era um espaço de constante negociação entre a repressão e a liberdade, onde os sujeitos moldavam suas identidades de maneiras muitas vezes desafiadoras para as normas estabelecidas. O gênero, em particular, não se limitava aos salões da elite ou às festas glamourosas, mas permeava o ar das ruas, as discussões intelectuais e, de forma ainda mais pungente, os porões e clubes noturnos, locais de refúgio e autoafirmação para aqueles que ousavam viver fora dos padrões. Mulheres como Lotte Hahn, figura proeminente da cena lésbica berlinense, são exemplos vivos dessa resistência, forjando comunidades e espaços de existência em meio a um contexto de crescente conservadorismo. Nesses ambientes, o corpo e o desejo transcenderam o mero simbolismo, tornando-se instrumentos poderosos de afirmação política. Seja através de máscaras e disfarces que permitiam a subversão das expectativas sociais, seja pela simples e corajosa expressão de uma identidade autêntica, a articulação de questões de gênero assumia um caráter revolucionário. A visibilidade e a agência dos corpos dissidentes desafiavam as estruturas de poder e as concepções tradicionais de sexualidade e identidade.

A resistência das mulheres lésbicas em Berlim, portanto, não pode ser compreendida apenas como um capítulo isolado da história LGBTQIA+. Ela se insere em uma luta muito mais ampla e fundamental contra o esquecimento e pela dignidade de todos os corpos dissidentes. Em uma Europa do século XX que assistia à ascensão do autoritarismo e à proliferação de ideologias conservadoras, ousar viver, amar e existir fora das normas não era apenas um ato pessoal, mas um gesto intrinsecamente político de desafio. Essas mulheres, com sua coragem e resiliência, pavimentaram o caminho para futuras gerações, lembrando-

nos da importância de preservar a memória daqueles que, em meio à adversidade, reivindicaram seu direito à existência plena e autêntica. Suas histórias são um testemunho duradouro da força do espírito humano em face da opressão e um lembrete perene da necessidade de vigilância contra as forças que buscam silenciar e invisibilizar a diversidade humana.

Cenas da noite: intelectuais, políticas e narrativas

Na década de 20, Berlim é uma cidade de múltiplas possibilidades: chamada por uns de a capital do pecado e por outros, de uma nova cidade das luzes. Em alguns cenáculos, ela transborda liberdade: nos anos 20, a cidade possui entre 80 e 120 cafés e bares voltados para o público homossexual (Gay, 1978). Segundo o historiador Peter Gay, em sua obra intitulada *A Cultura de Weimar: o outsider como insider*, ao nos debruçarmos sobre a República de Weimar, ao longo de sua curta trajetória (1918-1933), observamos a existência do: "modernismo na arte, literatura e pensamento; pensamos em rebelião, dos filhos contra os pais, dos dadaístas contra a arte, dos berlinenses contra os musculosos filisteus, dos libertinos contra os moralistas retrógrados" (Gay, 1978, p. 11).

O clube Eldorado, por ser o maior e mais populoso do cenário artístico dissidente do período, apresentou mais visibilidade do que outros⁴. Ele abarcava um espectro diversificado de corpos e visões políticas presentes na cena intelectual moderna. O clube abriu as portas em 22 de março de 1922, em Charlottenburg, onde o empresário Ludwig Konjetschni iniciaria sua marca no mundo. O Eldorado era considerado internacionalmente um antro de sofisticação. Após o grande sucesso, em 1930, seria necessário um novo local para o clube. E Ludwig Konjetschni direcionou seu olhar para o "Grand Café Luitpold", na Motzstrasse. O clube seria reinaugurado oficialmente um ano depois, em 1931. Em Berlim, existiam cabarés voltados somente para o prazer. Mas, o Eldorado, assim como outros, trazia consigo um novo projeto de teatralidade, performance e sedução. Uma ação necessária em tempos conduzidos por homens sombrios, o Eldorado torna-se um espaço aberto ao sabá intelectual. Situado entre encruzilhadas no centro berlinense, movimenta uma rede diaspórica, conectando o desejo dos homens e a liberdade emergente da República com o slogan "Hier ist's Richtig!"⁵. Em poucas palavras um cuidado com o público e os seres que ali residem, uma perspectiva familiar, pois, além de ser uma casa de shows, era a casa de artistas queers que buscavam uma vida possível.

⁴ Para este tema, ver o filme documentário intitulado *Cabaré Eldorado: o alvo dos nazistas*. Dirigido por Benjamin Cantu, com um roteiro de Benjamin Cantu e Felix Kriegsheim (2023). Produção NETFLIX.

⁵ "Aqui está certo!" em alemão. (tradução nossa).

Imagem 5: Cabaré Eldorado na era dourada berlinense



Fonte: Acervo Cabaret Berlin. Disponível em: <https://cabaret.berlin/venues/eldorado>.

A imagem do cabaré em plena luz do dia, se torna ilustre aos nossos olhos, demonstrando uma riqueza de detalhes. O sabá intelectual não poupava esforços no quesito de “chamar atenção”, um prédio robusto, bem localizado, com ilustrações rodeando-o por completo e letreiros que eram ligados à noite, quando realmente Berlim despertava. Ali passariam corpos multifacetados, corpos de todo mundo, intelectuais que conduziam sua arte e recebiam o calor humano dentro das portas do Eldorado:

Era uma danceteria, um bar normal, mas em determinados dias era alugada por homossexuais. Então era muito alegre... Os gays dançavam e, de vez em quando, só para mexer com as rainhas, alguém gritava: “A polícia está vindo!”. Todo mundo levantava a saia e corria. Mas a polícia nunca veio de verdade... É difícil imaginar a loucura de Berlim...homens dançavam com homens, mulheres dançavam com mulheres. Em Berlim, aqueles foram os anos dourados (Settingington, 2013, p. 17).

Porém, em julho de 1932, o novo Chefe de Polícia Kurt Melcher começou a implementar as rigorosas políticas do novo governo Von Papen, lidas a partir da individualidade o mesmo enquanto catolicismo, e, alicerçando uma campanha de disciplinamento para a vida noturna de Berlim. Assim, os bares e clubes de danças e performances passaram a ter uma rigorosa penitência em seu funcionamento, sendo proibidos de praticar qualquer ação após às 22 horas. Através dessa ordem, os clubes e locais de resistência demonstram-se cada vez mais privados, em outubro de 1932, a cena homossexual de Berlim sofre um golpe gigantesco com a proibição de casais homossexuais dançarem em

público. A ordem dada pelo Chefe da Polícia Nazista, atingiu diretamente o Eldorado, sendo obrigado pela *Sturmabteilung* (SA), Ludwig Konjetschni entrega toda a instalação do cabaré, ocasionando o fim do mais famoso cenáculo da República.

Desta forma, os intelectuais de Berlim são um alicerce indispensável para pensarmos no momento repleto de arte, cultura e resistência em Berlim, os intelectuais são a frente política contra o conservadorismo e o nazi-facismo. A cidade cosmopolita, contém versões imensuráveis contra-narrativas política de combate a repressão nas ruas com noites cheias de artes, performances e corpos quentes produzindo narrativas únicas para a cena intelectual. Claro que tais corpos também transitam pelas ruas durante as manhãs, graças ao trabalho do *Institut für Sexualwissenschaft* (Instituto de Sexualidade Humana) dirigido por Magnus Hirschfeld⁶, situado em plena Tiergarten, em Berlim. O Instituto foi criado com intuito de conduzir pesquisas referentes à sexualidade humana, trazendo contribuições importantíssimas para o campo da sociologia. Teria sido fruto do *Wissenschaftlich- humanitäres Komitee*⁷ que Hirschfeld dirigia desde 1897, lutando pelos direitos dos homossexuais e pessoas transsexuais, possibilitando uma rede de acolhimento e um novo olhar para a sociedade do período. Metaforicamente falando, uma espécie de quartel general do movimento homossexual (Macrae, 2011, p. 25).

O instituto tratava de questões sobre a sexualidade humana, como: DST 's, doenças, gravidez, aborto, terapia sexual para casais e questões identitárias. Assim, Isherwood, mais tarde, afirmou ter visto em sua visita ao Instituto, incluindo "chicotes e correntes" para sexo sadomasoquista, fotografias de "órgãos sexuais de quase-hermafroditas" e "cuecas femininas lacy" que haviam sido utilizadas pelos oficiais prussianos masculinos sob seus uniformes, proliferando a virilidade masculina se torna ambígua e como a sexualidade faz parte de uma vida privada⁸. O Instituto era um local político e social seguro para pessoas excluídas, vistas como diferentes, tratadas como pertencentes à sub-humanidade.

⁶ Médico psiquiatra/ sexólogo, homossexual, judeu e militante pelos direitos das pessoas queer's. Criador do Instituto de Sexualidade Humana em Berlim. Site: <https://magnus-hirschfeld.de/>

⁷ Comitê Científico-Humanitário.

⁸ Marhoefer, 2015, p, 6 *apud* Isherwood. *Christopher and His Kind* (Nova York: Farrar, Straus, Giroux, 1976), p. 16-17.

Imagem 6: Instituto de sexualidade humana

Fonte: Instituto de Sexualidade Humana. Disponível em: <https://www.literatur.hu-berlin.de/de/forschung/archive-forschungsstellen/forschungsstelle-kulturgeschichte-der-sexualitaet/projekte-der-forschungsstelle/vergangene-projekte/monographie-ueber-magnus-hirschfelds-institut-fuer-Sexualwissenschaft-1919-1933>.

O direito democrático sempre foi o ponto chave em 1920, a liberdade de si e para os demais indivíduos sociais, se comportam como um rompimento da perspectiva de vida em sociedade do império prussiano. E o gênero, assim como outras questões sociais de convivência, movimentam as relações cotidianas e conduzem significados culturais, mais do que nunca, políticos. O entrelaçamento de gênero e sexualidade na República de Weimar, molda o uso desse recorte temporal do passado sobre aquela sociedade, como afirma Marcos Vieira,

Por isso, o debate sobre sexualidade neste período é fundamental para compreender esse processo, o que torna o período da República de Weimar tão inovador, justamente, por iniciar este campo de debates tendo a sexualidade como tópico transversal à economia, religião, política, práticas médicas e questões jurídicas. Discussões no âmbito da liberdade de orientação sexual entre pessoas do mesmo sexo, sobre a prostituição, sobre o casamento, o aborto e, ainda, sobre a sexualidade sem função reprodutiva, foram temas de debate, esclarecimento e resistência durante este período, interrompido pelo sinistro regime nazista (Vieira, 2018, p. 197).

Magnus Hirschfeld e outros intelectuais da época eram vistos como uma grande ameaça, personificando o inimigo que combatia a virilidade masculina e o poder estabelecido. Hirschfeld, um cientista, utilizava sua posição privilegiada para lutar contra as desigualdades de gênero arraigadas na sociedade. Apesar de ser homossexual, ele não falava abertamente sobre sua orientação devido à sua posição como médico, usando o poder que lhe era concedido para auxiliar aqueles que necessitavam de cuidados. Em tempos difíceis, a homossexualidade e a intelectualidade se entrelaçam, gerando uma necessidade de validação

que afeta os indivíduos que não se encaixam na normatividade de gênero imposta pelo autoritarismo. Conforme Foucault (1981, p. 38), a homossexualidade é vista como mais do que um "prazer imediato"; o verdadeiro problema não é o ato sexual em si, mas a possibilidade "que indivíduos comecem a se amar".

A República de Weimar trouxe uma liberdade sexual eletrizante, influenciando as percepções sociais sobre os papéis de gênero, especialmente o papel do corpo feminino na década de 1920. Nesse contexto, o movimento lésbico articulou novos discursos para repensar os direitos das mulheres e suas representações públicas. Em 1930, existiam 85 estabelecimentos, entre clubes e danceterias, que serviam como locais de encontro para lésbicas e a comunidade *queer*. Alguns eram abertos ao público geral, enquanto outros eram exclusivos para mulheres (Gordon, 2006). Isso possibilitou o surgimento de figuras vibrantes e intelectuais, como artistas, cantoras e *performers* de gênero, que apresentavam não apenas uma estética, mas um conteúdo político.

A obra *Berlins Lesbische Frauen*, originalmente escrita por Ruth Rolling em 1928, foi publicada pelo renomado editorial de Magnus Hirschfeld, uma figura central na defesa dos direitos homossexuais e no estudo da sexualidade. Contudo, em 1930, a trajetória de Rolling sofreu uma reviravolta drástica ao se alinhar ao Nazismo. Ela chegou a escrever uma carta de próprio punho atestando sua "conduta ariana", um ato que não só marcou sua adesão à ideologia nazista, mas também selou o destino de suas obras. Em consequência de seu alinhamento com o regime, suas publicações perderam a notória repercussão que antes desfrutavam, e a autora cessou sua produção literária no pós-guerra, caindo em relativo esquecimento.

Imagem 7: “Berlins Lesbische Frauen”, guia completo para os bares e casas noturnas lésbicas, 1928



Fonte: Arquivo Magnus Hirschfeld. Disponível em: <https://magnus-hirschfeld.de/gedenken/personen/roellig-ruth/>.

Em contraste com a obscuridade que se abateu sobre Rolling, a figura feminina, especialmente no contexto da cultura lésbica de Berlim na era de Weimar, foi e continua sendo enaltecida em diversas manifestações artísticas e sociais. Performances de dança vibrantes, cartazes expressivos e personalidades emblemáticas iluminaram as noites berlinenses, criando um cenário efervescente de liberdade e expressão. Entre essas personalidades, destacou-se a cantora de cabaré Claire Waldoff, uma figura lendária em Berlim (Whisnant, 2016; Gordon, 2006). Claire Waldoff, célebre por suas músicas irônicas entoadas no dialeto berlinense, construiu uma crítica mordaz aos parâmetros da politicagem masculina que dominava o Reichstag. Ela não era apenas uma artista; era uma intelectual das margens, que direcionou o olhar da sociedade para o cabaré como um espaço legítimo de crítica política, desmistificando a visão de que esses locais eram apenas redutos de depravação. Segundo Richard (1988), os cabarés daquela época transcenderam a mera função de palco para programas de revistas e comédias musicais. Eles serviram como poderosos veículos para canções satíricas, apresentações de palhaços e recitação de poemas, funcionando como importantes fóruns para a dissidência e a expressão cultural. A resiliência e o espírito crítico de figuras como Waldoff contrastam fortemente com o destino de artistas como Rolling, que se submeteram a ideologias opressoras, e reforçam a importância da arte como ferramenta de resistência e reflexão social em tempos de incerteza política.

As narrativas dos movimentos homossexuais, no entre-guerras, trazem

representatividade e nos mostram a força de uma pauta que visava quebrar as barreiras da normatividade presente na Europa dos anos 1920⁹, trazendo consigo o desejo anárquico frente a docilidade do sistema educacional e dos resquícios do regime político prussiano.

Desta forma,

As ameaças da disciplina prussiana mantiveram a vigília urbana anarquista sob controle. Mas em 1919, com a saída do Kaiser e uma constituição democrática prestes a ser proclamada em Weimar, essas restrições legais acabaram por expirar. As restrições morais derrubadas da barulhenta Berlim de repente explodiram nas costuras. A metrópole alemã, uma vez pavorosa, era agora uma cidade aberta - aberta para o sexo. Ou, como muitos detratores provincianos criticaram, um novo inferno na terra (Gordon, 2006, p. 8).

Outras produções, como *Ontem e Hoje*, da Christa Winsloe (1930) e *Menina de Uniforme*, da Leontine Sagan (1931), tematizam o parágrafo 218 do código penal que condenava o aborto e a cultura lésbica (Rubino, 2019, pág. 375). Tais mulheres ousaram ao falar sobre a sexualidade feminina, e sobre o sistema educacional prussiano que disciplinava os corpos em um modelo ideal de masculino e feminino. Esse era um mecanismo de poder na sociedade alemã: o desejo e a necessidade de enquadrar as identidades num belo perfil heteronormativo, cis, ariano. Esse enquadramento acarretava não só uma série de violências a quem não se adequava a esse padrão físico, mas contribuía para produzir narrativas simbólicas que lançavam outras violências como, por exemplo, a misoginia.

A violência intrínseca à sociedade permeia o que é visível e invisível, apontando para marcadores sociais da diferença que impõem um lugar específico para os corpos discentes. Contudo, a Primeira República alemã, especialmente em Berlim, promovia um sentimento de libertação, fundamentado na solidariedade e na perspectiva social de seu modelo republicano. Essa nova atmosfera desafiava as ordens biodisciplinadoras que insistiam em negar a diversidade e induzir uma uniformidade no pensamento sobre o corpo como um arquétipo político. Em resposta a isso, os corpos dissidentes se rebelaram contra os mecanismos disciplinadores dos parágrafos 175 e 218, que os normatizavam. Por meio de redes de afeto, as chamadas "ligas de amizade" romperam o paradigma de uma identidade conservadora e autoritária, que propagava uma moralidade inflexível.

Conclusão: adeus à Weimar

⁹ Para este tema, ver o filme documentário *Parágrafo 175: a perseguição aos homossexuais e a visão biológica nazista* (2000). Direção: Rob Epstein, Jeffrey Fiedman. Roteiro: Sharon Wood. Produzido a partir de estudos do historiador Klaus Muller. O documentário intercala o depoimento de homossexuais sobreviventes de campos de concentração com a narrativa de fatos históricos.

A República de Weimar oferece um terreno fértil para a análise crítica da construção de identidades, particularmente no entrelaçamento inovador de gênero e sexualidade. Os corpos dissidentes que emergiram nesse período desafiam as noções convencionais de identidade, manifestando uma liberdade sexual que impulsionou mulheres vibrantes na intelectualidade boêmia e urbana de Berlim nos anos 1920. Elas se posicionavam como sujeitos ativos na busca por conhecimento e produção cultural e performática. A esse respeito, a observação de Hannah Arendt (2006, p. 35) sobre a insuficiência da mentalidade tradicional para abordar as perplexidades do período ganha particular relevância, indicando a necessidade de novas abordagens para compreender a efervescência cultural da época.

A essência do período era uma busca incessante por transformação, não apenas na esfera política, mas também na dimensão pessoal, com uma redefinição das próprias identidades. Elementos como o impacto do pós-guerra, o luto coletivo e as memórias emergentes são cruciais para decifrar a complexa atmosfera social e cultural de Weimar. Tais dinâmicas revelam um cenário de disputas biopolíticas, onde esforços específicos tentavam refutar a narrativa alemã dominante sobre a República e sua frágil democracia. Judith Butler (2018) argumenta que a "esfera pública" é um espaço construído por exclusões e negações que, estruturalmente, garantem a invisibilidade de violações, dificultando sua percepção e disseminação, um conceito aplicável à marginalização de certas narrativas em Weimar.

Os becos de Berlim, como testemunhado por Isherwood (1980, p. 9), oferecem uma compreensão mais profunda da efervescência cultural de Weimar do que a propaganda de massas do Estado Nazista. Nesses espaços, saberes subalternos da cidade abrigavam corpos que, de igual modo, contribuíram para a formação de identidades plurais, necessitando que suas histórias fossem reveladas e preservadas. Essas narrativas, que persistem e resistem na história, rememoram um passado volátil e o sentido da memória. Como Butler (2011, p. 32) sugere, o futuro da crítica cultural reside em nos fazer retornar ao humano onde menos esperamos encontrá-lo, em sua fragilidade e nos limites de sua capacidade de fazer sentido.

Os becos de Berlim, como vividamente retratado por Isherwood (1980, p. 9), servem como um portal mais autêntico para a efervescência cultural e social da República de Weimar do que a retórica e a propaganda de massas difundidas pelo Estado Nazista. Longe dos palcos grandiosos e das narrativas oficiais, esses recantos da cidade abrigavam uma tapeçaria rica e complexa de saberes subalternos, vozes marginalizadas e estilos de vida não convencionais. Nesses espaços íntimos, corpos que desafiavam as normas estabelecidas encontravam refúgio e pertencimento, contribuindo decisivamente para a formação de identidades plurais e para a tessitura de uma Berlim cosmopolita e vibrante.

A urgência em desvendar, preservar e rememorar essas histórias torna-se, portanto, imperativa. Elas representam mais do que meras anotações à margem da história; são as vozes que persistem e resistem, testemunhos de um passado volátil e multifacetado, e portadoras de um sentido profundo da memória. A relevância dessas narrativas reside na sua capacidade de iluminar as complexidades e as contradições de um período crucial, oferecendo uma compreensão mais matizada da sociedade da época.

Conforme a perspicaz observação de Butler (2011, p. 32), o futuro da crítica cultural não se encontra na busca por certezas ou na idealização de identidades, mas sim em um movimento de retorno ao humano onde menos se espera encontrá-lo. Isso implica uma imersão na fragilidade inerente à condição humana, nos limites de sua capacidade de fazer sentido do mundo e de si mesma. É nos becos e nas margens, nas histórias dos "outros", que se revelam as verdades mais profundas sobre a experiência humana, desafiando narrativas hegemônicas e abrindo caminho para uma compreensão mais empática e inclusiva da história e da cultura. Essas narrativas, por vezes silenciadas, são fundamentais para compreendermos as cicatrizes do passado e as possibilidades de um futuro mais justo e equitativo.

Weimar, uma democracia frágil em um contexto de vulnerabilidade, serve como um alerta contundente sobre a erosão democrática e o papel das narrativas históricas. Sua memória é crucial para analisar as experiências de grupos marginalizados, como homossexuais e, em particular, as lésbicas, que enfrentaram repressões e exclusões, resultando em sua omissão da memória pública alemã (Grossmann, 1995; Tamagne, 2004). O período impulsiona discussões sobre como as memórias coletivas são moldadas e as lutas pelos direitos homossexuais ilustram a complexidade da memória histórica e sua relação com cidadania e identidade. A contínua reconstrução da memória que omite essas narrativas reforça a importância de revisitar eventos. A República de Weimar oferece um espaço para refletir sobre a preservação de memórias democráticas e inclusivas. Rememorar seu legado, incluindo as contribuições e desafios enfrentados pelas mulheres lésbicas, é vital, pois, como em uma peça teatral que insiste em continuar, “o show não pode parar”, conduzindo-nos ao passado simbólico de resistência. Um passado de luta, prazer e solidão, à beira do colapso do Terceiro Reich, onde mulheres lésbicas ousaram em seu legado histórico, transformando sua narrativa em poesia, uma poética contínua contra a crueldade humana.

Referências

ARENDDT, H. **Entre Passado e Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

AZEVEDO, Adriana Pinto Fernandes. **Reconstruções queers-por uma utopia do lar**. 2016.

2016. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

BEACHY, Robert. **Gay Berlin: birthplace of a modern identity**. Vintange Books. New York, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura histórica cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense LTDA, 2012.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 8-9.

_____. **El género en disputa**. El feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós, 2007.

_____. Vida precária. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 1, n. 1, p. 13-33, 2011.

FOUCAULT, Michel. Conferência 1. **In: A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2003.

_____. **Da amizade como modo de vida**. De l'amitié comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Gai Pied, [S.l.], n. 25, p. 38-39, abr. 1981.

GAY, Peter. **Weimar Culture: the outsider as insider**. New York: W. W. Norton & Company, Inc., 2001.

GORDON, Mel. **Voluptuous panic: the erotic world of Weimar Berlin**. Expanded Edition. Port Townsend, WA: Taschenbuch, 2006.

GROSSMANN, Atina. **Reforming Sex: The Cultural Reconstruction of German National Identity, 1914-1945**. Oxford University Press, 1995.

GUEDES, Marco Aurelio Peri. **Estado e Ordem Econômica e Social: a experiência constitucional da República de Weimar e a Constituição Brasileira de 1934**. Rio de Janeiro: Processo, 2019.

_____. Os direitos fundamentais nos documentos constitucionais alemães de 1850 a 1871. **Revista Eletrônica Instituto de Investigaciones Jurídicas y Sociales AL Gioja**, n. 4, p. 125-138, 2016.

HAFFNER, Sebastian. **A Revolução Alemã (1918-1919)**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

ISHERWOOD, C. **Adeus a Berlim**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

_____. **Christopher and His Kind**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001.

MACRAE, Edward. **Os respeitáveis militantes e as bichas loucas**. Repositório UFBA, Stonewall, v. 40, p. 21-36, 2011.

MARHOEFER, Laurie. **Sex and the Weimar Republic: German homosexual emancipation and the rise of the Nazis**. University of Toronto Press, 2015.

MCFARLANE, James. Berlim e a ascensão do modernismo, 1886-1896. In BRADBURY;

_____. **Modernismo: guia geral**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade**

sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro.

RICHARD, L. **A República de Weimar**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

ROTH, Joseph. **Berlim**. Editora Companhia das Letras, 2006.

RUBINO, Atilio Raúl. El sexo y la ciudad. Homosociabilidad y disidencia en Berlin Alexanderplatz de Alfred Döblin. **Pandaemonium Germanicum**, v. 24, p. 374-399, 2021.

SETTERINGTON, Ken. **Marcados pelo Triângulo Rosa**. São Paulo: Melhoramentos, 2017.

TAMAGNE, Florence. **A History of Homosexuality in Europe**, vol. 1 & 2: Berlin, London, Paris 1919-1939. Algora Publishing, 2004.

VIEIRA, Marcos Sardá *et al.* **Cidade do desapego**: o estar-queer na urbanidade contemporânea. Tese de doutoramento submetida ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. 2018.

VIEIRA, Marcos Sardá. Corpos velhos e dissidentes na condição urbana de Berlim. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis. 2017. p. 1-10.

WHISNANT, Clayton J. **Queer identities and politics in Germany - a history 1880-1945**. New York: Harrington Park Press, 2016.